



Ministério da Cultura
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN
Departamento do Patrimônio Imaterial
Gerência de Registro

Parecer nº 002/2006

Assunto: Processo nº 01450.010743/2005-75

Solicitação de Registro do bem cultural *Cachoeira de Iauaretê – Lugar Sagrado dos Povos Indígenas dos rios Uaupés e Papuri*, como Patrimônio Cultural Brasileiro.

À Senhora Gerente de Registro do Departamento do Patrimônio Imaterial, encaminho o seguinte PARECER:

Trata-se de parecer conclusivo sobre o pedido de Registro da Cachoeira de Iauaretê como Lugar Sagrado dos Povos Indígenas dos rios Uaupés e Papuri, localizada na confluência dos mencionados rios, no distrito de Iauaretê, município de São Gabriel da Cachoeira, estado do Amazonas, conforme requerimento dirigido ao Presidente do Iphan pela Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro – FOIRN, e declaração de interesse firmada por representante da Coordenação das Organizações Indígenas do Distrito de Iauaretê – COIDI, ambas as correspondências com data de 15 de julho de 2005, devidamente encaminhadas pela 1ª Superintendência Regional do Iphan, sediada em Manaus/AM.

A presente solicitação de Registro baseia-se em projeto desenvolvido pelo Departamento do Patrimônio Imaterial e 1ª Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, em parceria com o Instituto

Socioambiental – ISA, a FOIRN, e o apoio de diversas entidades indígenas representativas do contexto multicultural de Iauaretê. O pedido contou ainda com a adesão das seguintes entidades e instituições, subscritas em declarações formalmente incorporadas ao presente processo: Universidade Federal do Amazonas – UFAM, Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia do Amazonas – SECT, Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas, Fundação Estadual de Política Indigenista – FEPI/AM e Associação de Língua e Cultura dos Tariano do Distrito de Iauaretê – ALCTDI.

A documentação apresentada consta do processo administrativo nº 01450.010743/2005-75, aberto em 28 de agosto de 2005 pelo Departamento do Patrimônio Imaterial/IPHAN, e dez (10) anexos, a saber:

- Anexo 1 – Dossiê de Instrução
- Anexo 2 – Tradução dos Mitos – Cadernos de Texto
- Anexo 3 – Cd Rom contendo Mapas de Trabalho
- Anexo 4 – Acervo audiovisual
- Anexo 5 – Acervo fotográfico
- Anexo 6 – Informações complementares sobre a Maloca
- Anexo 7 – Informações complementares retiradas da Internet
- Anexo 8 – Informações institucionais FOIRN
- Anexo 9 – Folders e publicações
- Anexo 10 – Cópia do processo: Instrumento jurídico para transferência dos ornamentos sagrados do Museu do Índio, em Manaus, aos povos da Região do Alto Rio Negro.

O Objeto do Registro

A Cachoeira de Iauaretê, ou Cachoeira da Onça na tradução da língua geral nheengatu¹ para o português, é um lugar de referência fundamental para os povos indígenas que habitam a região banhada pelo rio Uaupés – um tributário do rio Negro – e seu afluente Papuri, reunidos em dez comunidades, multiculturais na

¹ A língua geral amazônica de base Tupi, Nheengatu – ou “língua boa” – foi introduzida na bacia do Rio Negro por missionários e colonos a partir da segunda metade do século XVII. Atualmente é falada na região dos rios Negro, Uaupés, Xié e baixo Içana pelos povos Baré, Warekena, Arapaso e algumas comunidades Baniwa, entre outros. (Fonte: site do ISA na Internet).

maioria, compostas por etnias de filiação lingüística Tukano Oriental, Aruaque e Maku.

Várias das pedras, lajes, ilhas e paranás da Cachoeira de Iauaretê simbolizam referências dos episódios de guerras, perseguições, mortes e alianças descritos nos mitos de origem e nas narrativas históricas, assim como nas relações de afinidade que se estabeleceram e vêm permitindo, até hoje, a convivência e o compartilhamento de padrões culturais entre os diversos grupos indígenas que coabitam naquele território. Para estes povos, a Cachoeira de Iauaretê é seu Lugar Sagrado, onde está marcada a história de sua origem e fixação nessa região, desde há milênios.

*“Toda a nossa história está escrita nas pedras, nos igarapés, nos remansos da cachoeira e falamos, para nós mesmos, de outros tempos, quando nossos ancestrais lutavam para criar e estabelecer as condições de vida para seus descendentes. Os mitos contam o que ali ocorreu, em tempos remotos, e de como aquelas pedras tomaram suas respectivas formas. O conjunto das pedras da Cachoeira remete, assim, aos eventos de nossa história ancestral, constituindo importante marco referencial da identidade indígena do Rio Uaupés”.*²

Contexto

O Lugar a que se refere o presente processo de Registro insere-se em uma área geográfica e etnográfica mais ampla, a do *Noroeste Amazônico*, a qual abrange a bacia do Alto Rio Negro, onde a linha fronteira entre o Brasil e a Colômbia faz um desenho que lembra a cabeça de um cachorro.

A localização exata da Cachoeira de Iauaretê tem as seguintes coordenadas: 67574.17 latitude e 4777685.87 longitude. UTM, WGS 84, zona 19 e 0° 36' 899" N e 69° 12' 1.953" W. LAT/LONG, Datum WGS 84.

² André Fernando Baniwa, Diretor Vice Presidente da FOIRN, à pág. 04 do processo.

A região do Alto Rio Negro é habitada tradicionalmente há pelo menos dois mil anos por etnias que falam idiomas pertencentes a duas famílias lingüísticas distintas: Aruaque e Tukano Oriental. Além dessas, habitam também a região vários grupos de línguas não classificadas, conhecidos por Maku, segundo esclarece a coordenadora do presente projeto. Todos estes, somados, representam mais de 30 mil moradores vivendo em povoados e sítios distribuídos entre os rios da região e nos dois núcleos urbanos aí existentes: São Gabriel da Cachoeira, o principal centro administrativo e econômico, e Santa Isabel do Rio Negro, sendo cada um deles a sede do município de mesmo nome.

Há nesse grande território, constituído predominantemente por terras da União, cinco Terras Indígenas (TI) contíguas, todas demarcadas e homologadas, que juntas somam 10,6 hectares, além de outras áreas protegidas, tais como três Terras Indígenas em processo de identificação, um Parque Nacional e Florestas Nacionais.

Apesar do multilingüismo e das diferenças culturais, as vinte e sete etnias que habitam essa grande região – vinte e duas presentes no Brasil – compõem uma mesma área cultural, a do *Noroeste Amazônico*. Encontram-se articuladas em uma rede de trocas e identificadas no que diz respeito à cultura material, à organização social e à visão de mundo. Pode-se mesmo afirmar, nesse sentido, e com base nas pesquisas realizadas para a instrução do presente processo que o compartilhamento de padrões culturais constitui um traço organizador característico das relações sociais entre os povos que habitam o Alto Rio Negro.

A região onde se localiza a Cachoeira de Iauaretê se distingue como uma das quatro subáreas etnográficas do Noroeste da Amazônia, o *Baixo Uaupés*, que corresponde ao curso inferior do rio Uaupés e seus afluentes.³

³ Além da subárea etnográfica do *Baixo Uaupés*, acima referida, as demais subáreas que integram a região do Noroeste Amazônico são:

a. *Içana* (ou *Etnias do Içana*) habitada pelos Baniwa e Kuripaco (família lingüística Aruaque); falantes da língua geral, o nheengatu.

Os índios que vivem na subárea do Baixo Uaupés, por sua vez, integram atualmente dezessete etnias, muitas das quais vivem também na Colômbia, na mesma bacia fluvial, e na bacia do Rio Apaporis. Esses grupos indígenas, que incluem os Tariano de origem Aruaque, falam línguas da família Tukano Oriental e participam igualmente do sistema social e da ampla rede de trocas que ocorre na área do Uaupés.

Dentre as vinte e duas etnias habitantes do Noroeste Amazônico, em território brasileiro, quatorze delas encontram-se presentes na região do Uaupés, destacadas a seguir com um asterisco:

- Entre os Tukano Oriental: Arapaso*, Bará*, Barasana*, Desana*, Karapanã*, Kubeo*, Makuna*, Miriti-tapuya*, Pira-tapuya*, Siriano*, Tukano*, Tuyuka*, Wanano*.
- Entre os Aruaque: Baniwa (vive no rio Içana e também em São Gabriel e destacam-se pela participação ativa no movimento indígena na região), Kuripako, Tariano* (falante da língua Tukano), Baré, Warekena.
- Entre os Maku: Dow, Hupda, Nadöb, Yuhupde.⁴

Cabe aqui observar uma distinção básica, fundamental para o entendimento das relações que se estabelecem entre as diferentes etnias que convivem nesse território. Por um lado, os grupos de origem Tukano Oriental e Aruaque são identificados como 'índios do rio', pelo fato de viverem próximos aos rios navegáveis da região, extraírem deles grande parte de sua subsistência e por

b. Alto Uaupés, Apaporis e Miriti-Paraná, subárea que está em sua maior parte em território colombiano, incluída na subclassificação '*Etnias do rio Xié e do alto rio Negro*', do ISA.

c. *Rio Guainia / Negro e Xié* (coincidindo com a classificação do ISA '*Etnias do rio Xié e do alto rio Negro*'), também na porção superior do Negro, já em terras brasileiras; aí vivem os Barés, outrora de língua da família Aruaque, hoje falantes da língua geral, e os Warekenas.

Obs.: o ISA inclui ainda uma outra classificação – '*Etnias Maku*' – cujos representantes encontram-se distribuídos nas regiões interfluviais, cortando longitudinalmente a bacia do Uaupés.

(Fontes: sites do Melatti e do ISA na Internet).

⁴ Site do ISA na Internet.

neles encontrar-se referenciada sua dinâmica sócio-econômica e cultural. Em uma polaridade diversa, mas complementar, encontram-se os Maku, conhecidos também como ‘índios da floresta’ ou ‘do mato’, os quais vivem em áreas mais interiorizadas, transitam entre os divisores de água e buscam se estabelecer, temporariamente, em locais mais favoráveis à caça (são semi-nômades, portanto). Embora os Maku não participem das relações de casamento praticadas entre os diferentes grupos Tukano e Aruaque (exogamia lingüística), o que tornam estes últimos parentes entre si, estão perfeitamente integrados à rede de trocas e à dinâmica sócio-cultural e econômica que se desenvolve nessa área.

O principal núcleo de povoamento do rio Uaupés, em seu trecho brasileiro, é Iauaretê, sede do distrito de mesmo nome, no município de São Gabriel da Cachoeira que, além de ser um centro de ocupação tradicional dos Tariano, abriga também uma Missão dos Salesianos e um pelotão de fronteiras do exército.

É nesse contexto mais amplo que se insere a Cachoeira de Iauaretê, objeto do presente pedido de Registro como Patrimônio Cultural Brasileiro.

“(...) para além de sua natureza geográfica – uma cachoeira – constrói-se ali uma paisagem cultural constituída por lugares considerados sagrados pela densidade de sentidos que os mitos Ihe conferem.”⁵

No âmbito do processo em tela, destacamos o termo ‘CONFLUÊNCIA’ como uma expressão capaz de definir ou esclarecer melhor – no nosso entendimento – as dimensões material e imaterial do bem cultural ‘Cachoeira de Iauaretê’.

Aqui, ao nos referirmos a este bem cultural, estamos falando, simultaneamente: de um ponto focal para o qual convergem as águas do rio Papuri em seu encontro com as do Uaupés; de um lugar central para o qual tem afluído uma grande diversidade de povos e grupos culturalmente distintos, desde há milênios; estamos falando, ainda, de um ponto de confluência de interesses diversos, que nos

⁵ Dossiê de Registro, à página 25.

remete a disputas, conflitos, lutas, acordos e resistências, ocorridos ao longo do tempo, nas sucessivas tentativas por parte dos diferentes grupos e indivíduos de conquistar um espaço legítimo de permanência e afirmação identitária.

O objeto 'Cachoeira de Iauaretê', material e simbolicamente falando, diz respeito a um espaço que agrega; a um espaço de convergência de fluxos diversos, sejam estes os das águas que fluem ininterruptamente nos leitos dos rios, ou os dos grupos humanos que continuamente se deslocam no interior desse território, ou, ainda, aqueles das atividades referentes às dinâmicas sócio-econômicas, políticas e culturais que vêm ocorrendo no local.

Trata-se portanto de uma paisagem na qual a natureza, o sagrado e o profano se interpenetram. Depositária de narrativas míticas, históricas e de representações políticas, a Cachoeira de Iauaretê funciona, assim, como referência central, balizadora da ampla e complexa rede relacional que articula os diferentes grupos indígenas e não-indígenas que coabitam nesse território.

Como Lugar Sagrado dos povos indígenas moradores dos rios Uaupés e Papuri, ela se apresenta em toda a sua magia e grandiosidade cênico-paisagística, destacando-se, por tudo o que já foi dito, como uma localidade única no contexto regional.

Relação entre território e cultura no contexto de Iauaretê

“As qualidades de personificação, subjetividade e intencionalidade que os índios aplicam aos animais e aos peixes também se estendem ao cosmos como um todo. Os mitos dos povos do Uaupés também são mitos sobre a paisagem, cujos traços distintivos – as serras e montanhas, os rios, as rochas e as cachoeiras - têm nomes que evocam as histórias de sua criação ancestral. Viajar por terra ou canoa é seguir essas histórias e compartilhar a dos atos de criação descritos por elas. Muitas histórias contam sobre as antigas migrações, atribuindo à paisagem uma dupla

*dimensão – a dos atos primordiais de criação e a dos atos mais recentes, como a construção de casas e abertura de roças”.*⁶

A cachoeira de Iauaretê, como referência política e sócio-econômica, expressa espacialmente uma hierarquia – fortemente marcada na região – de fundamental importância na organização das diferenças e da diversidade presentes naquele espaço. Hierarquia, por sua vez, que está referenciada nos mitos, nos ritos e narrativas históricas, que especificam as origens e fixação de cada etnia, definem territórios, atribuem significados, revelam códigos de manejo social, político, ambiental e fundiário, e definem os parâmetros de interação e de convivência social entre elas. *“As narrativas míticas explicam como os feitos dos primeiros seres geraram as feições da paisagem e como o mundo se tornou paulatinamente seguro para a emergência dos verdadeiros seres humanos”.*⁷

Tanto os mitos e narrativas que contam a saga dos ancestrais Tariano, quanto aqueles dos demais povos de origem Tucano que vivem na região de Uaupés, mencionam a Cachoeira de Iauaretê como um local referencial de todo esse processo. Assim, fica evidente, na documentação que integra o presente pedido de Registro, a relação indissociável entre as narrativas mítico-históricas, o ‘Lugar’ Cachoeira de Iauaretê e o sistema sócio-cultural uaupesiano, em sua dinâmica.

No mito de origem Tariano, no entanto, a Cachoeira de Iauaretê tem papel de destaque, razão pela qual é considerado exemplar. As pesquisas arqueológicas e antropológicas desenvolvidas até o momento dão conta de que os Tariano (chamados ‘Filhos do Sangue do Trovão’) originaram-se de áreas mais ao norte, na bacia do rio Içana, território tradicional Aruaque, tendo assumido a forma humana atual na cachoeira do Uapuí – considerada por eles como o centro do mundo – no alto curso do rio Aiari, um afluente do Içana. Continuaram se deslocando por terra, pela bacia do rio Uaupés, em direção ao sul, até o local onde hoje estão instalados, no médio Uaupés. Ainda no período pré-colonial,

⁶ Fonte: site do ISA na Internet.

⁷ Idem.

estabeleceram-se finalmente nas imediações de Iauaretê. Por se tratar de uma região ocupada tradicionalmente por etnias da família lingüística Tukano Oriental, apresentam uma posição peculiar entre os demais grupos de origem Tukano.⁸

Os Tariano identificam vários pontos no conjunto das pedras da Cachoeira de Iauaretê e suas imediações, locais onde ocorreram fatos marcantes relacionados à criação da humanidade e ao surgimento de sua etnia. Esses lugares remetem à criação das plantas, dos animais e de tudo o que seria necessário à vida no local e a sobrevivência dos descendentes de seus primeiros ancestrais. *“Todos os eventos ocorridos no tempo da gente onça – yaí mahsã quando ainda não existiam os seres humanos, ocorreram em lugares específicos, reconhecidos até os dias de hoje como lugares sagrados. Naqueles que se localizam na Cachoeira de Iauaretê e seu entorno, os personagens do mito deram origem, por processos sucessivos de transformação, às formações rochosas que se prestam hoje à montagem de ‘caiás’ ‘kakuris’ e ‘matapis’ ”*⁹, instrumentos de pesca utilizados na região, um exemplo claro de como os lugares para a pesca a cada etnia, entre outros, são definidos ancestralmente. No processo de Registro estão documentados dezessete desses pontos de referência para os Tariano na Cachoeira de Iauaretê, testemunhos fundamentais de sua fixação naquele território.

Para os grupos da família Tukano Oriental, por sua vez, entre eles os Tukano propriamente ditos, a Cachoeira de Iauaretê não possui a mesma centralidade que na mitologia Tariano, embora contenha referências importantes constitutivas de seu mito de origem. A origem dos Tukano é descrita na viagem da cobra-canoa desde o ‘Rio de Leite’, situado no sul do país, até as fronteiras limites ao norte do Brasil, e remonta a uma outra cachoeira, situada mais ao sul do Uaupés, a cachoeira de Ipanoré. Nela, os ancestrais de todos os povos, inclusive o dos

⁸ O centro da área de ocupação dos Tariano no Uaupés é Iauaretê, localidade onde esta etnia se concentra. Enquanto que os diversos grupos étnicos de origem Tukano Oriental distribuem-se por toda a bacia do Uaupés.

⁹ Dossiê de Registro, à página 24.

brancos, saem do rio Uaupés para a terra através de uma laje aí existente. O ancestral dos brancos foi então em direção ao sul, enquanto que os dos índios subiram o curso dos rios e afluentes procurando um lugar adequado para viver. Os Tukano fixaram-se na área do igarapé Turi (que equivale à localidade de lauaretê para os Tariano). A viagem da cobra-canoa, seguindo seu curso, associa-se à humanização e maturação progressiva dos ancestrais da humanidade.¹⁰ De acordo com a tradição oral comum a vários povos Tukano Orientais, seus mitos e narrativas, resguardadas algumas diferenciações entre eles, a Cachoeira de lauaretê é um dos pontos onde parou a cobra-canoa, local marcado por uma pedra, de onde ela partiu mais uma vez, para deixar os ancestrais de povos que hoje se localizam a montante dos rios Uaupés e Papuri.¹¹

*“Essas narrativas compartilhadas entre os povos do Uaupés expressam uma compreensão comum dos cosmos, do lugar dos seres humanos nele e das relações que deveriam existir entre os povos, bem como entre eles e outros seres”.*¹²

Antecedentes

Recuperando, em seus aspectos gerais, os antecedentes que originaram a presente proposta de Registro, cabe dizer que a mesma resulta da implementação do projeto de “Referenciamento dos Povos Indígenas do Alto Rio Negro”, desenvolvido por iniciativa do Iphan entre 2004 e 2005, o qual teve como objetivo iniciar uma experiência de inventário e Registro do patrimônio cultural de natureza imaterial entre grupos indígenas brasileiros.

O Alto Rio Negro foi uma das áreas de trabalho escolhidas por diferentes razões, entre elas, por se tratar de uma região essencialmente indígena, com uma população de mais de 30.000 pessoas identificadas em mais de vinte e duas

¹⁰ Dominique Buchillet, no site do ISA.

¹¹ Dossiê de Registro, à pág. 24.

¹² Site do ISA

etnias, e também pela existência da própria FOIRN – talvez a organização indígena de maior destaque na Amazônia – e de sua parceria consolidada há mais de dez anos com o ISA. Tratam-se, ambas, de entidades atuantes há longa data na região, que se incluíram como co-participantes neste projeto desde seu início.

A diversidade sócio-ambiental da região do rio Negro – a maior bacia de águas pretas do mundo, segundo o ISA – faz dela uma das mais importantes de toda a Amazônia, um motivo a mais para a escolha realizada. Nesse sentido, inclusive, articula-se atualmente um debate sobre a relação positiva entre preservação de locais sagrados e a conservação da biodiversidade¹³, fator a considerar, também, no presente caso.

Durante o período citado já vinham sendo desenvolvidos, pelas citadas instituições, vários projetos direcionados para a auto-afirmação das comunidades indígenas e à sustentabilidade sócio-ambiental das terras demarcadas, tais como, a implantação de pólos de piscicultura e manejo de recursos naturais, a criação de escolas indígenas diferenciadas, a articulação de redes de comercialização de artesanato e apoio a iniciativas de valorização cultural e de cidadania.

Mais do que isso, a existência de um movimento sócio-cultural em curso na região, de recuperação e valorização das referências identitárias dos diferentes grupos indígenas que aí residem, motivaram a aceitação e implementação da proposta de referenciamento e de salvaguarda apresentada pelo Iphan.

O “(...)retorno às tradições, ou ao que resta delas, fragmentos bricolados re-significados que revelam toda a história de 300 anos de contato com o ocidente, é recorrente na região”.¹⁴

A partir da primeira reunião realizada em São Gabriel da Cachoeira com o apoio da FOIRN e do ISA, em maio de 2004, evento que contou com a presença dos

¹³ Ver artigo de Germana Barata na Revista Eletrônica do Iphan.

¹⁴ Relatório de viagem da antropóloga Ana Gita de Oliveira (processo administrativo de Registro da Cachoeira de Iauaretê).

Tuyuka e Tukano do rio Tiquié, os Baniwa do Içana e os Tariano de Iauaretê, a interlocução entre o Iphan e as comunidades indígenas locais deu-se, especialmente, com os Tariano do clã Koivhate. Esse grupo vinha buscando reconstruir sua Maloca, um elemento *“de fundamental importância para levar adiante seus intentos de registrar suas histórias, cantos e retomar antigos rituais”* perdida quando da instalação de religiosos salesianos naquela localidade na década de 30 do século vinte.¹⁵ A partir de então, esta iniciativa passou a contar com o apoio do Iphan. A Maloca tariana foi finalmente concluída e inaugurada em 15 de novembro de 2005, e inclui-se entre as ações de salvaguarda em andamento naquela área.

Retomando, em linhas gerais, os resultados da reunião realizada em São Gabriel:

“Assim, enquanto os Tuyuka cogitaram dar continuidade ao registro de suas cerimônias e cantos (como celebrações ou formas de expressão) e os Baniwa registrar a marca ‘Arte Baniwa’ (...) como um saber, os Tariano passaram a conjecturar a possibilidade de proceder ao registro de seus ‘lugares sagrados’, o que, de seu ponto de vista implicava diretamente em um registro sobretudo visual, isto é, fotográfico.”¹⁶

No caso dos Tariano, além da reconstrução da Maloca e da identificação e registro documental de seus lugares sagrados, também são ações essencialmente importantes a recuperação de rituais, da linguagem e dos seus ornamentos sagrados, expropriados pelas missões salesianas, e atualmente depositados no Museu do Índio em Manaus, mantido pelo Patronato Santa Teresinha.

Todas essas ações de salvaguarda, iniciadas antes mesmo do início do projeto de referenciamento e Registro, se acredita que sairão fortalecidas e contarão com maior apoio após o reconhecimento dos Lugares Sagrados como Patrimônio Cultural do Brasil.

¹⁵ Página 36 do Dossiê de Registro.

¹⁶ Idem.

Tomando-se o compartilhamento de padrões culturais como traço característico das comunidades do alto Rio Negro, como já foi dito, a partir de maio de 2005 as demais etnias residentes em Iauaretê entenderam que o Registro da Cachoeira, pensado inicialmente em sua relação mais direta com os Tariano, deveria abranger todos os demais grupos aí residentes, *“posto que parte de seus mitos de origem, da história de seus antepassados e dos processos migratórios estavam, da mesma forma, inscritos nas pedras, igarapés e corredeiras da cachoeira”*.¹⁷

Ao considerar o histórico do processo, portanto, é possível afirmar que o objeto do Registro e seus elementos essenciais foram identificados e descritos com base nos levantamentos e estudos desenvolvidos. No entanto, a definição final quanto ao recorte e ao enfoque da presente proposta de Registro foi decidida no decorrer dos procedimentos, por iniciativa direta das comunidades locais e instituições parceiras, que assim se manifestaram a respeito, em documento encaminhado ao Iphan, em abril de 2005:

*“Vimos por este retomar o diálogo com o Iphan referente ao projeto ‘Lugares Sagrados Tarianos’, iniciado em novembro de 2004 através da parceria Iphan/ ISA/ FOIRN e que, até o presente momento, contou com a participação exclusiva dos Tarianos do clã Koivathe, das comunidades de Santa Maria e São Pedro, distrito de Iauaretê. Em reuniões e conversas recentes sobre o projeto envolvendo pessoas pertencentes às demais etnias de Iauaretê, chegamos à conclusão de que o projeto deve ser reenfocado, no sentido de considerar não apenas os lugares de importância cultural dos tarianos, mas também aqueles que são relevantes para os grupos pertencentes às famílias lingüísticas Tukano e Maku. Portanto, seria importante acrescentar às informações já prestadas pelos Tarianos, as histórias contadas pelos Tukano, Desana, Pira-Tapuia e outros referentes a Iauaretê. Assim como no caso dos Tarianos, vários episódios da história desses grupos estão igualmente inscritos nas pedras dessa cachoeira.”*¹⁸

O projeto, em sua continuidade a partir de 2005, incorporou a produção de mais dois vídeos, com a documentação dos lugares sagrados e das narrativas míticas dos Tariana e Tukano de Iauaretê, o que não restringe, no entanto, a possibilidade

¹⁷ Dossiê de Registro.

¹⁸ Documento assinado por representantes dos Tariano Koivathe e dos Tukano, à página 37 do Dossiê.

de inclusão posterior de material informativo complementar e/ou suplementar sobre o objeto deste processo e/ou elementos a ele associados.

Justificativa

De acordo com o que esclarece a coordenadora do projeto, em relatório incorporado ao processo em tela:

“... Iauaretê está adquirindo, de forma muito rápida, características urbanas, (...), com ocupação adensada por famílias indígenas que descem os rios Uaupés e Papuri para manterem seus filhos nas escolas, com televisão em todas as casas, serviço médico, correio, comércio, etc. Depois de freqüentarem o ensino fundamental, seguem para São Gabriel da Cachoeira para completarem o segundo grau. Depois disso não querem mais regressar às comunidades de origem e, na maioria dos casos, acabam em São Gabriel ou Manaus. Vale notar, porém, que este fenômeno não é recente. Desde a chegada dos Salesianos, na década de 30, e a implantação das escolas simultaneamente à destruição ostensiva das malocas, dos rituais e dos artefatos sagrados pelos missionários, que o movimento de ‘descida’ das várias etnias localizadas no alto e baixo rio Uaupés, rio Papuri e Igarapés da região, só tem se intensificado.”¹⁹

Os processos de mudança em curso na região têm representado, por um lado, um risco a mais na preservação de costumes e tradições na área do Uaupés. Por outro, essas mesmas ameaças têm mobilizado os habitantes da região no sentido de incorporar-se de forma cidadã ao sistema econômico em vigor, e de reafirmar sua identidade, recuperando e valorizando os fundamentos de sua cultura naqueles aspectos que os distinguem e individualizam comparativamente ao todo.

Em síntese, o pedido de Registro da Cachoeira de Iauaretê como Lugar Sagrado dos povos indígenas dos Rios Uaupés e Papuri tem por objetivos:

- 1) dar suporte ao movimento de revitalização cultural, em curso, na localidade de Iauaretê, de modo a garantir as condições de produção e reprodução

¹⁹ Relatório da antropóloga Ana Gita de Oliveira (processo administrativo de Registro da Cachoeira de Iauaretê).

das tradições indígenas espoliadas pela história de contato com a sociedade nacional, há mais de duzentos anos;

- 2) propiciar, por intermédio das ações de apoio e fomento, a sustentabilidade do projeto cultural elaborado pelos grupos Tariano e Tukano de Iauaretê como estratégia de gestão dos 10,6 milhões de hectares de terra indígena demarcada em faixa de fronteira nacional;
- 3) propiciar condições de transmissão das tradições às gerações mais jovens, apoiando o projeto de escolas diferenciadas com propostas político-pedagógicas elaboradas pelas lideranças indígenas locais;
- 4) apoiar a criação de um centro de referências culturais dos povos indígenas dos Rios Uaupés e Papuri, na reconstituição da história de contato a partir do ponto de vista dos povos indígenas da região; e
- 5) propiciar, pelo reconhecimento da Cachoeira de Iauaretê como Patrimônio Cultural do Brasil e do apoio aos processos de valorização e revitalização em curso na região, a permanência, no cotidiano desses povos, das narrativas e mitos que conferem sentido e dão significado a este Lugar.

Conclusões

As pesquisas realizadas para identificar e documentar a Cachoeira de Iauaretê como Lugar Sagrado dos Povos Indígenas do Rio Uaupés foram conduzidas por antropólogos especializados na região e por lideranças indígenas locais, o que permitiu produzir, reunir e sistematizar um conjunto de conhecimentos sobre este bem cultural. Estudos históricos, arqueológicos, etnográficos e cartográficos descritos em vasta bibliografia, documentação fotográfica e videográfica, além do trabalho de campo, foram referenciados e permitiram identificar, esclarecer e conhecer os vários elementos culturais, ambientais e políticos que organizam a construção daquela paisagem cultural, bem como os processos históricos de contato com a sociedade nacional responsáveis pelas transformações nas relações sociais e culturais dos povos indígenas da região do Rio Uaupés. Os resultados deste trabalho constam da instrução do presente processo e permitem

subsidiar e fundamentar a decisão quanto à pertinência do Registro deste bem cultural, atestando aspectos relevantes de sua ocorrência.

Assim,

Por ser emblemático da mito-história de origem e fixação das etnias que coabitam na região de Iauaretê;

Por ser este Lugar Sagrado um dos elementos referenciais na construção da identidade cultural desses povos;

Por atender às diretrizes da Política Nacional do Patrimônio Cultural Imaterial, priorizando regiões historicamente pouco atendidas pela ação institucional, além de reconhecer e valorizar bens culturais representativos de contextos culturais indígenas;

Por estarem esses povos empenhados na retomada e revitalização das tradições e dos mecanismos que viabilizam sua transmissão aos mais jovens;

Por fim, pelo exposto e por tudo o mais que está demonstrado neste processo, somos de parecer favorável à inscrição da CACHOEIRA DE IAUARETÊ COMO LUGAR SAGRADO DOS POVOS INDÍGENAS DOS RIOS UAUPÉS E PAPURI, no Livro de Registro dos Lugares.

S.M.J., é este o nosso parecer.

Brasília, 05 de maio de 2006.

Claudia Marina de Macedo Vasques

Técnica – Matrícula 0222797
Gerência de Registro/DPI/IPHAN

Bibliografia consultada:

Andrello, Geraldo L. – 2004 – Iauaretê: transformações sociais e cotidiano no rio Uaupés (alto rio Negro, Amazonas) – Tese de Doutorado, Universidade de Campinas/SP. Site da internet.

Instituto Socioambiental – ISA. Site da internet.

Entrevista – Centro Virtual de Arqueologia-CVA – Edição nº 30 – Robin Wright – ‘Sociedades Indígenas do alto rio Negro’ – Site da internet: www.antropologia.com.br/entr/entr_atual.htm

Site Julio Cezar Melatti – <http://www.geocities.com/RainForest/Jungle/6885/>

Revista Eletrônica do Iphan – www.revista.iphan.gov.br